

# CONTRIBUIÇÕES DA *RETÓRICA* PARA O ENSINO DE FILOSOFIA<sup>1</sup>

*CONTRIBUTIONS OF RHETORIC TO PHILOSOPHY TEACHING*

EDGAR LYRA<sup>2</sup>  
PUC-Rio - Brasil  
lyranetto@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo parte da premissa de que a *Retórica* de Aristóteles contém ensinamentos de grande valia para as práticas docentes, especialmente aquelas dos professores de filosofia. Investe numa exposição resumida e ilustrada do conteúdo dos seus três livros, buscando estimular uma leitura séria e paciente do texto original. Têm especial atenção as noções de *pistis*, entendida em escopo mais amplo que o da persuasão argumentativa, e de *topos*, repensado como espécie de relevo discursivo definidor de caminhos e lugares-comuns capazes de sustentar discursos convincentes, dignos de atenção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Retórica. Ensino de filosofia. Pistis. Topos. Aristóteles. Heidegger.

**ABSTRACT:** *The paper is based on the premise according to which Aristotle's Rhetoric has a great value to educational practices, especially for teachers of philosophy. The article invests in a summarized and illustrated exposition of the contents of the three books of Rhetoric and seeks to stimulate a serious and patient reading of the original text. It calls special attention to the notions of pistis – understood in a broader scope than that of argumentative persuasion – and topos, which in turn is rethought as a kind of discursive ground that ultimately defines paths and common places capable of sustaining compelling, attention-grabbing discourses.*

**KEYWORDS:** Rhetoric. Philosophy teaching. Pistis. Topos. Aristotle. Heidegger.

## I

Foi com o elogio grego da razão, com o advento da teorização sobre as coisas do *cosmos* e da *polis*, que nasceu a filosofia ocidental. Menos atenção costuma despertar o fato – igualmente importante – de que o momento grego de ascensão do *lógos* foi também o dos sofistas e do aparecimento dos primeiros textos sobre as artes do discurso, dentre os quais os escritos de *Córax* e *Tísias*, opúsculos como *Contra os Sofistas*, de Isócrates, diálogos de Platão como o *Górgias* e o *Fedro*, enfim, a *Retórica* de Aristóteles. Digeridas pelos romanos, as lições retóricas gregas atravessaram o tempo e chegaram aos nossos dias com ambígua atualidade. Aproveitadas nos cânones da comunicação de massa, convertidas em análises de estilo, em teorias da argumentação (de interesse no

<sup>1</sup> Texto apresentado em versão preliminar nas *XXI Jornadas sobre la Enseñanza de la Filosofía*, Buenos Aires, abril de 2014.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

mais das vezes jurídico), presentes na atual lógica informal ou pragmática lógica,<sup>3</sup> ainda protagonistas de recentes projetos de “superação da metafísica”<sup>4</sup> ou redescobertas como necessárias à construção das “retóricas digitais”<sup>5</sup>, fato é que essas lições ainda não reencontraram no âmbito das práticas didático-pedagógicas a importância que tiveram na aurora grega do Ocidente.<sup>6</sup>

São várias as razões para que essa *technê* não seja efetivamente explorada como elemento de formação docente. A primeira remete ao seu próprio contexto de nascimento e à desconfiança que ainda hoje paira sobre os sofistas, a despeito de recentes e oportunas releituras.<sup>7</sup> Ainda que Sócrates e Platão fossem eles mesmos excelentes retores, e que o segundo admitisse, no *Fedro*, que a retórica possa chegar a “agradar os deuses” (273e) e mesmo elevar almas (cf. *psychagogia*: 261a e 271a-d), o que prevaleceu foi a imagem do discurso frívolo e oportunista, sem compromisso como a Verdade. O próprio Aristóteles já precisaria defender-se em sua *Retórica* contra essa desconfiança (cf. 1355 a22-b22).

Também a moderna redução hegemônica do *lógos* ao âmbito razão científica em muito contribuiu para manter retórica à margem da sapiência acadêmica. Só recentemente, depois dos dissensos epistemológicos do século XX,<sup>8</sup> vêm alguns autores discutindo, por exemplo, as históricas relações entre “ciência e retórica”.<sup>9</sup> Mesmo a pedagogia enxergou na *didática* um saber próprio e em nada devedor à retórica.<sup>10</sup>

Por fim, não obstante a recente ampliação do escopo do ensino da filosofia em países como o Brasil, e de tentativas, aqui e ali, de dignificação da docência, a arte retórica permanece pouco explorada com elemento de formação de professores. Mesmo em países como os EUA, onde a cultura do debate tem lugar de destaque desde a *high school*, não são finalidades precipuamente filosóficas ou pedagógicas que mantêm vivo apreço pela retórica.

Este estudo busca, por tudo isso, chamar atenção para a possível contribuição dessa arte para a formação docente – especialmente a que concerne ao ensino de filosofia. A aposta mais pontual é que já os ensinamentos da *Retórica* de Aristóteles, ainda que em sua origem não estivessem propriamente

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, WALTON 2012, pp. 1-4, ou FOGELIN 2005, p. 3.

<sup>4</sup> Cf. MEYER, Michel, Prefácio à PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA 2005, p. XX: “A retórica é esse espaço de razão onde a renúncia ao fundamento, tal como a concebeu a tradição, não se identificará forçosamente à desrazão. Uma filosofia sem metafísica deve ser possível, porquanto de agora em diante não há outra alternativa”.

<sup>5</sup> Cf. p. ex. BROOKE, Collin Gifford: *Lingua Fracta – towards a rhetoric of new media*, 2009.

<sup>6</sup> Manuel Alexandre Júnior chega a dizer, no seu Prefácio à tradução portuguesa do tratado aristotélico, que “a retórica está na moda [...] em praticamente todos as áreas do saber humano”. (ARISTÓTELES 2005, p.9)

<sup>7</sup> Cf., p. ex., CASSIN, Barbara: *O Efeito Sofístico* (2005); McCOY, Marina: *Platão e a Retórica de Filósofos e Sofistas* (2010); e UNTERSTEINER, Mario: *A Obra dos Sofistas – uma interpretação filosófica* (2012).

<sup>8</sup> Cf. por exemplo a querela entre Karl Popper, o positivismo lógico do Círculo de Viena, Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend, com seu anarquismo epistemológico.

<sup>9</sup> Cf. p. ex., CECCARELLI, Leah: *Shaping Science with Rethoric – the cases of Dobzhansky, Schrodinger and Wilson* (2001).

<sup>10</sup> A começar por COMÊNIO (2001) e sua *Didática Magna*, publicada pela primeira vez em 1631.

comprometidos com finalidades didáticas (como as entendemos hoje), podem ser de grande valia nesse campo.

A título de ilustração preliminar, mesmo a mais “elementar” consciência dos três modos de persuasão (*pisteis*)<sup>11</sup> – *lógos*, *ethos* e *pathos* – pode ser sumamente desejável quando se deparam os professores com públicos não devidamente convencidos do valor intrínseco dos saberes que professam. É bem conhecido, mas pouco explorado para fins de formação docente, que *lógos* se refere à palavra logicamente articulada, *ethos* à confiança dos ouvintes na pessoa do orador e *pathos* às disposições afetivas que permeiam as situações discursivas. Lecionar para pesquisadores, em programas de pós-graduação, é atividade em que a competência teórica pode bastar-se; mas, tal não é o caso em âmbitos outros, onde problemas agudos surgem por simples falta de atenção aos componentes “patológicos” e “éticos” necessários, inclusive, a que o *lógos* possa encontrar sua adequada recepção. Seja como for, é desconcertantemente comum ouvir professores de filosofia, ciosos de suas competências hermenêuticas e analíticas, queixarem-se da baixa conta em que públicos exteriores à academia por vezes os têm.

## II

Recuperemos algumas questões da *Retórica* de Aristóteles a partir do resumo dos seus três livros. A intenção é convidar à leitura paciente do texto original, chamando atenção para as muitas reflexões nele presentes sobre a constituição geral dos nexos discursivos, especialmente aqueles capazes de sustentar discurso convincentes e por isso dignos de atenção.

O PRIMEIRO LIVRO começa introduzindo o leitor às noções mais centrais da arte retórica, simultaneamente a uma elaboração de críticas diversas às práticas e tratados da época. Seguem-se justificativas para o ensino filosófico, não sofisticado da retórica, justificativas que têm como pano de fundo os perigos da transmissão dessa arte a almas ainda não devidamente comprometidas com o Bem.<sup>12</sup> Aristóteles apresenta uma série de argumentos em prol da necessidade desse ensino, o primeiro ligado à ideia de que é por culpa de oradores retoricamente incapazes que a Verdade e a Justiça são às vezes superadas pela falsidade e a injustiça. Alude, em seguida, à necessidade de adaptar os discursos aos seus públicos e circunstâncias, bem como considerar os assuntos em pauta sob seus vários ângulos. Pondera, por fim, que qualquer técnica corre o risco de ser mal usada, não sendo a retórica exceção. “O que faz de um homem um sofista”, pontua, “não são suas capacidades (*dinamêi*), mas suas escolhas (*proairesei*)”. (1355 b20)

Uma ressalva se faz aqui necessária. A decisão de resumir o tratado aristotélico e oferecê-lo como ponto de partida para reflexões sobre a docência está diretamente ligada à convicção de que ele, nem de longe, assemelha-se a um

<sup>11</sup> A tradução de *pistis* é das mais difíceis, dada a polissemia do termo. Aqui mantemos “persuasão”, aguardando os momentos seguintes do texto para matizar essa escolha.

<sup>12</sup> O *Górgias*, de Platão, é o provável contraponto dessas justificativas.

manual de instruções de pronto uso, mais convidando a um mergulho na produção dos nexos discursivos capazes de “transformar as almas”, no caso, primeiramente a do próprio professor. Chega a ser difícil imaginar que alguém que deseje resultados imediatos venha a meter-se diretamente com um texto da complexidade da *Retórica*.

Martin Heidegger, que dedicou longos anos de estudo à obra de Aristóteles, chega a sugerir que “o sentido original da retórica há muito se perdeu.” Diz mais: “A retórica não é senão a explicitação (*Auslegung*) do *Dasein* em sua concretude, é a hermenêutica do *Dasein* propriamente dito”. (HEIDEGGER, 1924, p.109-110)<sup>13</sup> Bem entendido, a experiência grega é por ele compreendida a partir do discurso, da linguagem não como conjunto de sons proferidos, mas conversa com outros e consigo mesmo, envolvendo escuta e fala que põe algo em relevo. É nesse sentido que a arte retórica é pensada como explicitação do ente que, herdeiros dos helênicos, já sempre somos em nossa existência concreta. Fato é que essa interpretação heideggeriana tem especial interesse para os fins aqui em pauta, visto que professores de filosofia são gente que essencialmente escuta e fala com seus alunos – ou que deveria assim comportar-se. Embora seja de conhecimento geral que existem muitas simplificações das lições aristotélicas – todas elas, sim, aproveitáveis mais imediata ou superficialmente para fins docentes – aqui se visa dirigir o olhar para as promessas formativas potencialmente presentes numa experiência de leitura direta do texto em epígrafe.

Ainda mais importante para o que se seguirá é a insistência de Heidegger, apesar das muitas caracterizações de Aristóteles da retórica como uma *technê*, em compreendê-la como *dýnamis*, capacidade, potência. A tensão se acomoda ao evocarmos a interpretação da *technê* grega feita pelo mesmo autor trinta anos mais tarde, no conhecido ensaio *A Questão da Técnica* (1954). A definição da técnica como conhecimento utilitário, como domínio de meios para consecução de fins, é entendida por Heidegger ao mesmo tempo como correta e inessencial. Cede por isso lugar ao entendimento da *technê* como agenciamento de causas – das quatro causas aristotélicas, não apenas as eficientes – visando dar curso àquilo que não chegaria a ser sem tal atenção e engenho, nesse caso, o discurso convincente resultante das escolhas e articulações retóricas adequadas. Não se trata, portanto, de disponibilizar instrumentos retóricos para o atendimento de finalidades filosófico-pedagógicas dadas de antemão – por mais nobres que possam ser –, mas de formar retoricamente indivíduos capazes de enxergar nexos e caminhos discursivos trilháveis na lida com seus alunos, de modo a convincentemente convidá-los ao pensamento filosófico.

Seja como for e de volta ao Livro I da *Retórica*, entre as noções e definições de retórica nele apresentadas está, com lugar de destaque, a já mencionada distinção entre *logos*, *ethos* e *pathos* que atravessa toda a obra em epígrafe e faz repensar a tradução pura e simples de *pistis* por “persuasão”. Dita “complemento (*antistrofos*) da dialética” (1354 a1), a retórica dela distingue-se por lidar com formas de “persuasão” que extrapolam o plano da argumentação racional. Com

<sup>13</sup> Traduções minhas. *Dasein*, mais usualmente traduzido por ser-aí, diz em Heidegger respeito ao nosso ser no mundo, à nossa existência em meio à totalidade dos outros entes.

efeito, nunca há apenas *lógos*, *ethos* ou *pathos* nas situações concretas de fala, mas sempre presença balanceada, mais ou menos proeminente, de cada um dos três modos de *pistis*. Move-se a técnica retórica, portanto, em situações discursivas elásticas, que têm decerto um pé nas estruturas silogísticas dos discursos – mesmo quando inaparentes – e o outro num terreno político que em muito transcende o plano institucional. A circunstância retórica precisa, enfim, ser suficientemente compreendida antes que qualquer estratégia discursiva possa ser traçada e mostrar-se exitosa.

A título de ilustração, uma lágrima sincera, derramada sobriamente por uma filha diante de pergunta incisiva a ela feita por seu pai, pode ser mais convincente e decisiva que toda uma série de explicações ou contestações do direito a tal interpelação. Condenar gratuitamente o uso de mídias sociais numa turma de adolescentes (que de todo respiram esse ar) pode significar para uma professora uma total corrosão do seu *ethos*, ou seja, de sua reputação como professora capaz de real diálogo nesse segmento de ensino.

Entre os muitos conceitos que Aristóteles introduz no Livro I é preciso chamar atenção, após o foco inicial nas *pisteis*, para a noção de *topos*. Esta é de fato uma noção presente em vários momentos da obra aristotélica e não apenas na *Retórica*, convidando à paráfrase de que “*topos* se diz de vários modos”. A acepção mais ampla é a de “lugar”, faltando, naturalmente, compreender qual é a noção de lugar capaz de ligar os lugares discutidos na *Física* aos lugares-comuns discursivos da *Retórica*, passando pelos *Tópicos*, pela *Ética a Nicômaco*, pela *Poética* e por aí afora, sem que uma definição propriamente dita lhe seja dada.

A aprofundada compreensão da ideia de *topos* talvez seja mesmo o que há de mais complexo no texto da *Retórica*, posto que os vários *topoi* se entrelaçam e reforçam, ligando-se ora aos grandes gêneros de assuntos em questão, ora aos costumes e opiniões partilhadas por falantes de nichos específicos, ora à própria compreensão do êxito persuasivo a perseguir nas várias situações discursivas, fazendo parte dessa compreensão, em todo caso, as escolhas estratégicas iniciais e a consciência dos “deslocamentos tópicos” a realizar na condução dos discursos.

É inclusive bastante curioso que, muitas vezes, passe despercebido que a retórica *não lida* com o verdadeiro e o evidente, mas com o que é naturalmente problemático e, a partir daí com o plausível, o verossímil, o razoável, com o menos desvantajoso e o mais justo, como o melhor e o pior, portanto, com a necessidade de “encontrar os caminhos de persuasão adequados a cada caso”. (1355 b32) Lembra Olivier Reboul em sua *Introdução à Retórica* que não lidamos assim propriamente com a “prova do pobre” (2004, p. 27), sendo Aristóteles mesmo quem nos adverte na *Ética a Nicômaco* que “é evidentemente tão tolo aceitar de um matemático argumentação provável quanto exigir de um orador provas demonstrativas” (1094 b25-30).

O primeiro livro deságua, enfim, numa longa discussão sobre os grandes gêneros retóricos: o judicial, o político ou deliberativo, e o epidíctico ou cerimonial. Mais do que uma mera “classificação” – ou mesmo categorização –, essa discussão parece cumprir o papel de rebater as noções até então apresentadas

sobre as “tópicas” mais centrais na *polis* grega. Com efeito, entre os lugares-comuns mais frequentes no primeiro gênero estão os da *justiça* e da *injustiça*; às situações políticas concernem mais geralmente as noções de *melhor* ou *pior*, de *mais* ou *menos vantajoso*; o gênero cerimonial, finalmente, tem entre seus pontos de apoio privilegiados aqueles da *nobreza* e da *vileza*, da *beleza* e da *feiura*. Mais importante, entretanto, sobretudo visando a um uso mais alargado desses ensinamentos, é perceber essas demarcações genéricas como indicativas de estratégias discursivas mais ou menos adequadas a cada circunstância. É instrutivo lembrar o quão diferente há de ser admoestar um estudante qualificando sua ação como injusta, ou como inútil, ou como deselegante. São campos discursivos diferentes, que envolvem diferentes afetos e relações com o caráter, portanto, com efeitos diferentes na reorganização (ou desorganização) dos lugares-comuns compartilhados pelos falantes.

O SEGUNDO LIVRO tem uma estrutura tripartite claramente identificável. Aristóteles trata primeiramente do *pathos*, em seguida do *ethos* e só então do *lógos*. Entre os vários afetos discutidos estão alguns muito importantes para o trabalho do professor, como a *ira* (*orguê*),<sup>14</sup> com discussões finas sobre suas modulações, sobre aquilo que as provoca e sobre as predisposições de ânimo – e consequente permeabilidade ao discurso – delas resultantes. Vale a pena ler e reler o parágrafo sobre a ira, mesmo cotejando as traduções de modo a exigir-lhe a esperada coerência. Aristóteles entende, por exemplo, que há três formas principais de desprezo (*oligoria*) capazes de suscitar ira, todas as três infelizmente muito presentes em situações de aula: o menosprezo (*kataphronesis*), a má vontade (*epereasmos*) e o ultraje ou humilhação (*hybris*).<sup>15</sup> De fato, um estudante cujas opiniões e presença não sejam dignas de atenção pode desenvolver uma contrariedade ao professor e a tudo o que ele diz e representa. Também a recusa gratuita a pedidos razoáveis, mais ainda a exposição injustificada e desmedida de estudante a vexame público, podem, ambos, torná-lo impermeável a qualquer proposta de troca e aprendizado vindas do professor então indelevelmente marcado como inflexível ou truculento.

Não por acaso, a *emulação* (*zelos*) é o último dos afetos tratados e faz já a passagem para a consideração das *ethe*. Essencialmente diferente da inveja (*ftonos*), *zelos* concerne à presença de desejo respeitoso por aquilo que, discursando, um orador promete ou representa – coisa não trivialmente ao alcance de um professor de filosofia em um mundo avesso ao pensamento lento e paciente, sobretudo atravessado por desejos caricatos de sucesso pessoal e profissional. A emulação de que fala Aristóteles tem, em todo caso, a ver com o desejo de bens que o aluno julga a seu alcance e dos quais se considera digno, sendo o professor aquele que pode ajudá-lo na conquista, experiência ou usufruto desses bens. Cabe ao aluno, nesse sentido, *zelar* para que a aula seja boa, consequentemente, lugar

<sup>14</sup> É bastante insatisfatória a tradução de *orguê* por “ira”, dada a sua atual proximidade semântica com a raiva e com os acessos de fúria. Aristóteles trata de mais geralmente de “ressentimentos”, cuja vontade de vingança que lhes corresponde pode manifestar-se de modos diversos.

<sup>15</sup> Propostas minhas de tradução.

de experiências compartilhadas que de todos torne mais próximos os bens almejados.

Precisamente aí jaz uma boa indicação para ampliar a compreensão da noção retórica de *ethos*. Traduzir *ethos* por “caráter” é, de fato, empobrecedor. A reputação ou crédito do orador se estabelecerá, sim, a partir de traços que lhe são próprios, mas também contra a teia de costumes que a cada vez lhe serve de fundo. É relevante lembrar que, dependendo da grafia,<sup>16</sup> *ethos* pode significar hábito ou costume, mais que caráter, este último entendido como posse de qualidades pessoais.

Fato é que Aristóteles analisa em sequência o *ethos* do jovem, do idoso e dos que estão no auge da vida, dos nobres, dos ricos e dos poderosos; e não deve de nenhum modo passar despercebido que ele se volta mais imediatamente para o *ethos* do público, e só subsidiariamente para o do orador, que herdará sua credibilidade da consonância que com a plateia for capaz de estabelecer. Tudo isso dá ensejo a uma enorme e rica reflexão sobre a emulação ao alcance dos professores de filosofia de hoje frente a seus vários públicos.

A terceira parte do Livro II é, por fim, dedicada à argumentação. A noção é propositalmente dilatada. São discutidas estratégias argumentativas variadas, distinguindo-se aquelas que hoje chamamos de dedutivas das que procedem por indução e ilustração, estando sempre presente a questão dos lugares-comuns sobre os quais cada uma dessas estratégias pode e precisa se apoiar. Valer-se de uma máxima abraçada por determinada comunidade pode ser muito oportuno. Mas, a percepção de qual máxima se adéqua a qual auditório, e em que circunstâncias, depende de uma sólida e sensível formação do orador.

Aristóteles precisa, por exemplo, mesmo ao referir-se à parte mais “lógica” da retórica, estabelecer distinções entre *silogismo* e *entimema*, bem como chamar atenção para os *topoi* sobre os quais qualquer argumentação há de se apoiar. A primeira atenção se origina do fato de não usarmos silogismos completos em nossos discursos, a não ser em situações excepcionais, por exemplo, quando damos aula de “lógica”. Ainda que a estrutura lógica do discurso seja a mesma – e possa ser identificada analiticamente – o que acontece nos discursos rotineiros é a elisão de alguns dos termos do silogismo, seja a título de praticidade, seja para ganho de força expressiva. Não se começa afirmando que todos os homens são mortais para concluir que certo homem é mortal. Uma variedade grande de entimemas pode, por sua vez, fundamentar-se sobre essa estrutura silogística exemplar, por exemplo quando alguém lembra a um interlocutor arrogante que ele, por ser homem, será “comido pelos vermes”, ou acabará na “terra dos pés juntos”. A retórica, em suma, não prescinde da lógica, mas tampouco reduz-se a ela.

Ainda digno de lembrança é que já nos *Tópicos*, texto do *órganon* aristotélico, faz-se uma distinção clara entre silogismos demonstrativos e dialéticos, sendo este último tipo definido como “aquele no qual se raciocina a partir de

<sup>16</sup> Cf. p. ex. TUGENDHAT, 1997, p. 35-36.

opiniões de aceitação geral”. Aristóteles esclarece logo adiante: “opiniões de aceitação geral, por outro lado, são aquelas que se baseiam no que pensam todos, a maioria ou os sábios, isto é, a totalidade dos sábios ou a maioria deles, ou os mais renomados e ilustres entre eles” (100 b18-23).<sup>17</sup> Professores de filosofia, é notório, deparam-se todo o tempo com a necessidade de bem escolher as “opiniões de aceitação geral” sobre as quais poderão edificar seus discursos, devendo, em contrapartida, tornarem-se atentos à identificação daquelas trazidas pelos seus alunos e à sua presença implícita nos entimemas por eles despercebidamente usados.

O TERCEIRO e último livro a *Retórica* é bem conhecido como “livro estilístico”, ainda que esse rótulo traia seu escopo amplo e importância enorme. É nele que Aristóteles retoma e repensa os cânones retóricos da sua época, por exemplo, o sequenciamento discursivo a partir da fórmula *proêmio* (*prooimion*), *narração* (*diégesis*), *confirmação* (*pistis*) e *epílogo* (*epilogos*), com espaço livre para a *digressão* (*parekbasis*).

O filósofo relativiza explicitamente a necessidade desse ordenamento (cf. 1414 a30-1414 b19), sendo, contudo, ainda mais importante perceber que ele ganha outra espessura quando em diálogo com os aspectos mais amplos – “momentos” ou “camadas” da elaboração discursiva. A primeira dessas camadas concerne simultaneamente à tomada de consciência da circunstância a enfrentar, ao “inventário” dos elementos discursivos nela presentes e à “descoberta” (*heuresis*, como posteriormente nomeado) da melhor forma de seguir adiante. Remete ao Livro I e às definições lá presentes, onde Aristóteles refere-se à *capacidade de teorizar* (*dinastai theorein*, 1355 b34), isto é, em termos menos contaminados pelas nossas noções de “teoria”, à capacidade de enxergar compreensiva e abrangentemente a circunstância discursiva. Pode-se mesmo agora dilatar aquelas definições para propor que *todo discurso é discurso para determinado público, em determinadas circunstâncias, proferido por determinado orador, que se vale de certo repertório para atingir certos resultados*.

A segunda das camadas retóricas é a *táxis*. Envolve a *disposição* dos elementos inventariados segundo certo plano. Exatamente aí entra o sequenciamento discursivo que vai do proêmio ao epílogo.<sup>18</sup> Não é difícil antever que a escolha da melhor forma de predispor favoravelmente o público, no *proêmio*, aos fatos a *narrar* (*diegesis*) ou *expor* (*prothesis*), depende de uma avaliação antecipada da situação retórica, bem como o dependem a forma de articulá-los persuasivamente e a finalização convincente do discurso (*epilogos*).

Digressão importante, embora discursos elaborados para serem proferidos sem interrupção possam observar com rigor o cânone descrito (e relativizado por Aristóteles), nada impede que situações de improviso possam ser retoricamente pensadas. Não importando quão concisos ou prolixos sejam os participantes de um diálogo, a retomada da palavra por cada um deles dependerá decerto da

<sup>17</sup> Tradução de Edson Bini, edição Edipro 2005.

<sup>18</sup> Aristóteles hesita no capítulo 13 do Livro III ao fazer essa enumeração. Chega a sugerir que tudo poderia se reduzir a dois grandes momentos: exposição (*prothesis*) e persuasão (*pistis*).



ratificação ou retificação do plano discursivo traçado, portanto, de uma atenção contínua ao elenco de elementos retóricos.

Não é diferente com a *léxis*, terceiro momento do constructo retórico. A escolha do léxico, mais amplamente, do repertório de lugares-comuns significativos a mobilizar, do “estilo”, se assim for preferido, dependerá tanto da síntese das circunstâncias quanto do plano discursivo a partir dela estabelecido. A piada que pode ser contada após dois meses de aula provavelmente não poderia sê-lo no primeiro dia do ano. O vocabulário e as figuras de linguagem usadas têm, igualmente, de adaptar-se ao público, ao tema, ao ambiente e à ocasião.

Junte-se a quarta e última camada discursiva, a da *hypocrisis*, que Aristóteles apresenta tecendo comparações com a arte poética. Numa enumeração mais livre, a voz, sua entonação e ritmo, o gesto facial, a indumentária e o posicionamento corporal, todos deverão dialogar com os outros três momentos de modo a dar unidade ao discurso. Voltando ao âmbito da docência, faz enorme diferença se o professor fala alto ou baixo, se é firme ou hesitante, se fala em pé ou sentado. A *ação*, *encenação* ou *performance* será em muitas ocasiões crucial para a eficácia discursiva e, não apenas, naquelas em que *pathos* e *ethos* adquirem protagonismo em relação ao *lógos*. A possibilidade de sustentação de uma exposição oral prolongada pode muito bem depender da capacidade do orador de valer-se do seu corpo, da sua modulação de voz, enfim, de materialmente agir sobre as “invisíveis linhas de força” que estruturam a convivência humana, não sendo exceção a sala de aula.

### III

A esta altura já deve estar clara a aplicabilidade da retórica a situações gerais de ensino e aprendizado. O epílogo desta apresentação ficará, assim, por conta de mais alguns adendos, ilustrações e pontuações.

Enfatize-se com Aristóteles que todos os homens – logo, todos os professores – valem-se de recursos retóricos (cf. 1354 a1-a11) sem, entretanto, pensarem mais detidamente sobre isso nos termos expostos. A ideia não é, assim, desqualificar quaisquer orientações didático-pedagógicas dignas de apreço, mas mostrar como a retórica pode lançar incrível luz sobre situações identificáveis por todos os que dedicam suas vidas ao ensino.

A agitação com que via de regra se deparam os professores ao entrarem numa sala de aula de nível médio, de todo incompatível com um tempo mais filosófico, terá retoricamente a ver com vários possíveis fatores: com o *ethos* dominante na instituição em que lecionam (ou na comunidade em que ela se insere), com o *pathos* momentâneo da turma (aquele de uma véspera de feriado ou aula imediatamente posterior ao recreio), ainda com a prova ou o discurso extenuante do colega que acabou de deixar a sala. A correta leitura da

circunstância sugerirá ao professor a necessidade de adequar “o proêmio da aula” de modo a “melhorar” as predisposições de ânimo vigentes, ao custo de seu *lógos* não encontrar qualquer ressonância, por mais preciosos que sejam seus ensinamentos.

A escolha e o sucesso desse proêmio dependerá certamente de repertório. O professor pode sugerir uma reorganização das carteiras em roda, ou pode valer-se de alguma inventiva *hypocrisis*, quem sabe de hábil circulação pelo espaço da sala de modo a delicadamente desarticlar linhas de força prejudiciais a um ambiente de possível abertura para o pensamento. Chamar pelo nome um ou dois alunos formadores de opinião e perguntar-lhes se algo aconteceu que motive o desassossego pode ser interessante; e não chamá-los pelo nome – mas por “você aí” ou “psiu” – pode diminuí-los e mesmo gerar ressentimentos velados, sobretudo em se tratando de jovens em agudo processo de constituição de identidade. Tudo isso é ao mesmo tempo muito intuitivo e muito técnico. O que de todo modo precisa ser evitado é a perda completa de contato com as possibilidades de lida retórico-filosófica com as situações docentes e a conseqüente queda nas águas da violência discursiva, do medo e da impotência.

Pode-se, com certeza, alegar que essas considerações são periféricas demais e que passam à margem do mérito do que deva ser o ensino de filosofia acessível e adequado a cada público. Só não deve passar despercebido que a *Retórica* é parte inalienável da filosofia aristotélica em seu escopo amplo, e que trata sobretudo da possibilidade de achar lugar para os filósofos num mundo mais amplo que o da Academia ou do Liceu.

Que não se descurem os oradores professores – acrescentaria o Aristóteles aqui lido – de perceber que “mesmo que tivéssemos a ciência mais exata [não] nos seria fácil com ela persuadir certos auditórios” (1355 a31); que determinados públicos são muito mais permeáveis a exemplos e ilustrações que a definições e deduções; que a concisão discursiva é, desde muito, apreciada como virtude e que as digressões, se usadas no tempo e medida certa, podem dar ao discurso (e à aula) notável plasticidade. Que não se descurem os mestres da capacidade de levar em consideração sempre os vários ângulos que uma questão pode comportar, inclusive, vez por outra, de colocar-se no lugar dos alunos para procurar pontos de apoio capazes de incentivá-los a filosofar.

Quem sabe, enfim, professores de um tempo em que a “antiga rainha” já não mais pode “aspirar ao caminho seguro da ciência” (KANT, 1994, Prefácio da primeira edição) – e que mesmo esta última enlaçou-se à tecnologia – possamos descobrir nas razões que levaram Aristóteles a escrever uma *retórica filosófica* caminhos novos para nossas práticas docentes. Em outras e últimas palavras, quem sabe, em meio a uma topografia cada vez mais imediatista e “utilitária”, não possa uma reconsideração aprofundada da arte retórica dar-nos acesso a algumas veredas perdidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior. Biblioteca de Autores Clássicos. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006;
- \_\_\_\_\_. *Retórica*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Tópicos*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2005.
- ARISTOTLE. *Art of Rhetoric*. Bilingual, transl. by J.H. Freese. Loeb Classical Library, Massachussets: Harvard Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Nicomachean Ethics*. Transl. by W.D. Ross, in *The Complete Works of Aristotle*, ed. by John Barnes, vol. 2. New Jersey: Princeton, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Topics*. Transl. by W.A. Pickard, in *The Complete Works of Aristotle*, ed. by John Barnes, vol. 1. New Jersey: Princeton, 1995.
- BROOKE, Collin Gifford. *Lingua Fracta – towards a rhetoric of new media*. New Jersey: Hampton Press, 2009.
- CASSIN, Barbara. *O Efeito Sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- CECCARELLI, Leah. *Shaping Science with Rethoric – the cases of Dobzhansky, Schrodinger and Wilson*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- CICERO. *De Oratore* (books I e II). Bilingual, transl. by H. Rackam. Loeb Classical Library. Massachussets: Harvard Press, 1967.
- FOGELIN, Robert (1985). The Logic of Deep Disagreements. *Informal Logic*, 7.1, p.1-8. Reprinted in *Informal Logic* (2005), 25.1, p. 3-11.
- HEIDEGGER, Martin (1924). *Grundbegriffe der Aristotelischen Philosophie*. Klostermman, Frankfurt A.M., 2002, GA 18. English: *Basic Concepts of Aristotelian Philosophy*. transl. Robert Metcalf and Mark Tanzer. Indianapolis: Indiana University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. Die Frage nach der Technik (1954), in *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen, Neske. Traduções brasileiras por Emanuel Carneiro Leão, “A Questão da Técnica”, in *Ensaio e Conferências*, Petrópolis, Vozes, 2002; e por Marco Aurélio Werle, in *Scientiae Studia*, vol.5, n.3, 2007, p. 375-398.
- ISÓCRATES. Against the Sophists. in *Isocrates*. vol. I, transl. by David Mirhady and Yun Lee Too. Austin Texas: University Press, 2000.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Gulbenkian, 1994.
- McCOY, Marina (2008). *Platão e a Retórica de Filósofos e Sofistas*. São Paulo: Madras, 2010.
- MEYER, Michel (2004). *A Retórica*. São Paulo: Ática, 2007.
- PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (1992). *Tratado de Argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PLATO. *Euthyphro, Apology, Crito, Phaedo, Phaedrus*. Bilingual, transl. Harold North Fowler, Loeb Classical Library, Massachussets: Harvard Press, 2001.
- PLATÃO. *Fedro*. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimaraes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Górgias de Platão*. Bilingue, trad. Daniel Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

REBOUL, Olivier (1991). *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOFISTAS. *Testemunhos e Fragmentos*. trad. Ana Alexandre de Souza e Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2005.

TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre Ética*. Petrópolis: Vozes, 1997.

UNTERSTEINER, Mario. *A Obra dos Sofistas – uma interpretação filosófica*. São Paulo: Paulus, 2012.

WALTON, Douglas, N. *Lógica Informal: manual de argumentação crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.